

Cientifique-se

Motrivência Ano XV, Nº 20-21, P. 201-209 Mar./Dez.-2003

CORPO E EDUCAÇÃO: relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri-MT*

Beleni Saléte Grando**

Resumo Abstract

Esta pesquisa teve como foco de interesse a "Educação do Corpo" (educação expressa nas práticas corporais) em contextos interculturais. A pesquisa de campo foi realizada no período de maio a setembro de 2001, na Aldeia de Meruri, numa perspectiva etnográfica. As práticas corporais identificadas foram o Ritual de Nominção, a Dança e o Futebol. Durante a observação participante, identifiquei que as festas realizadas pela Missão Salesiana junto aos Bororo eram apropriadas por estes e adquiriam um caráter polissêmico. Entre os múltiplos sentidos e significações, cabe destacar a

This research had as its focus of interest "Education of the Body" (education expressed in body practices) in intercultural contexts. The field research in Meruri Village was carried out from an ethnographic perspective in the period from May to September of 2001. The body practices identified were the Nomination Ritual, Dance and Soccer. During the participatory observation, I perceived that the festivals held by the Salesian Mission among the Bororo were appropriate for them and acquired a polysemic character. Among the multiplicity of meanings, it is important to mention the revitalization of the

revitalização das formas tradicionais de “fabricação da pessoa”, a valorização das identidades individual e coletiva e a criação de estratégias de integração. Nesse processo polissêmico, as identidades se confrontam num “jogo” que se estabelece nas “fronteiras” do “nós” e do “eles”, criando novas possibilidades de interação e de educação.

Palavras-chave: educação; corpo; relações interculturais.

traditional forms of “fabricating the persona”, the valuing of individual and collective identities and the creation of integration strategies. In this polysemic process, the identities confront one another in a “game” that is established along the “boundaries” between “we” and “they”, creating new possibilities for interaction and education.

Key words: education; body; intercultural relations

O problema investigado nasceu da minha experiência com a formação de professores indígenas em Mato Grosso, especialmente como consultora e docente de Educação Física e de Linguagem Artística e Corporal no Projeto Tucum¹ – formação de professores indígenas para o magistério, no período de 1995 a 2001. Trabalhei com alunos - professores de treze etnias indígenas diferentes, das atuais 38 existentes em Mato Grosso, onde se localiza o Parque Nacional do Xingu. Em especial, foram as relações estabelecidas em diferentes etapas do Projeto Tucum – Pólo III/Boe-Bororo, com os professores Bororo e

com a comunidade da Aldeia Meruri, que me levaram à pesquisa.

Objetivando buscar compreender quais os sentidos e significados que as práticas corporais adquirem para um grupo étnico – os Bororo de Mato Grosso – num processo permanente de relações interculturais, esta pesquisa se orientou por questões que levaram ao processo de constituição da identidade bororo:

- Quais os valores, sentidos e significados que o futebol – esporte que representa e reproduz em sua prática os valores da sociedade capitalista – adquire no contex-

to das práticas corporais indígenas?

- Como os valores que subjazem aos esportes são vinculados à sua prática no interior das aldeias e no contexto da educação escolar indígena? Como se dão os processos de educação indígena no que se refere às práticas corporais tradicionais cujos conteúdos podem ser identificados como jogo, dança, exercícios físicos, esportes, lutas?
- Como a cultura corporal brasileira transmitida pela Educação Física escolar – jogos, dança, esporte, luta, ginástica – e pelos meios de comunicação é apropriada pelos povos indígenas?
- Como se dá a educação no contexto das práticas corporais indígenas e quais as influências das práticas corporais não índias na constituição da corporalidade indígena?

Para responder a essas questões, buscou-se compreender as práticas corporais como manifestações que explicitam as complexas relações estabelecidas entre os Bororo (boe como se autodenominam) e a “sociedade envolvente” e, nessas, as mediações interculturais e interétnicas que os grupos mantêm em situações de “fronteiras culturais” (Barth, 1969). E, ainda, apontar as novas formas de identidade individual e coletiva que, como num “jogo de espelhos” (Novaes, 1993), se es-

tabelecem nessas fronteiras e no qual o grupo étnico se reconhece.

O trabalho de campo foi desenvolvido entre maio e setembro de 2001, em Meruri. Nessa fase, revelaram-se fundamentais os vínculos anteriormente estabelecidos com a comunidade – professores boe, salesianos e pesquisadores. Esses primeiros diálogos interculturais serviram de base para a “entrada” no mundo da cultura bororo de Meruri, que mantém, há mais de um século, relações cotidianas com os missionários salesianos (Missão Salesiana Coração de Jesus/Missão de Meruri), no atual Território Indígena de Meruri, localizado na Região de Barra do Garças-MT.

Os Bororo constituem-se uma sociedade indígena organizada em diferentes territórios no Estado de Mato Grosso e, como grupo étnico específico, mantiveram e mantêm constantes relações com os não-índios que passaram a ocupar seus territórios desde 1716, na região que compreende atualmente a Região de Cuiabá e Região de Cáceres, até a divisa do Brasil com a Bolívia (Grando, 2002). Nesse processo de contatos, conflitos e relações interétnicas entre os Bororo e os diversos não-índios, aqueles utilizam diferentes estratégias para manutenção da identidade do grupo, principalmente por intermédio dos rituais tradicionais como o Fu-

neral Bororo e o Ritual de Nomação.

Esses rituais, como demonstrou a pesquisa com o Ritual de Nomação, configuram-se práticas corporais pelas quais os Bororo historicamente vêm se constituindo como povo e etnia nesses últimos três séculos de relações interétnicas. Estas relações com o não-índio, dinâmicas e diferenciadas, se deram com seus segmentos: militares, salesianos, fazendeiros, garimpeiros, colonos, funcionários públicos, autoridades governamentais, pesquisadores, comunidades e vilarejos, ou seja, as “sociedades regionais” que se estabeleceram no decorrer desse processo como “vizinhos” de seus territórios. E explicitam intencionalidades e interesses diversos – “civilizá-los”, explorar-lhes a mão-de-obra e suas mulheres, apropriar-se de suas riquezas materiais e espirituais, “protegê-los” ou simplesmente estabelecer um diálogo intercultural para melhor compreendê-los e com eles conviver. Do lado dos Bororo, as aproximações e contatos, resguardando contextos históricos diferenciados, também mediaram interesses próprios, entre eles, a garantia de sobrevivência física, econômica e espiritual, e trocas que, em algumas situações, fo-

ram ritualisticamente negociadas por lideranças e assumidas coletivamente, mas nem sempre pelo conjunto da sociedade bororo.

No processo de pesquisa, busquei explicitar as relações interculturais mediatizadas pelas práticas corporais dos boe, em Meruri, compreendendo-as no contexto mais amplo do Movimento Indígena por Terra e Educação e nas relações específicas que se estabeleceram durante as práticas corporais evidenciadas na pesquisa de campo: a Dança, o Futebol e o Ritual de Nomação².

Inicialmente os estudos que deram sustentação à pesquisa voltaram-se para a Educação, com o intuito de explicitar as relações entre a história da educação escolar indígena e a história dos povos indígenas no Brasil e demarcar o movimento pela educação escolar atual; em seguida, objetivando a compreensão das relações interculturais, estendeu-se à Antropologia, Etnografia e Sociologia. O diálogo com Marcel Mauss (1969; 1974; 1999; 2001) e diversas pesquisas etnográficas ampliou a compreensão dos sentidos e significados das práticas corporais observadas, de forma participativa, na pesquisa de campo. Em outras palavras, esta

pesquisa foi sendo construída com base num diálogo interdisciplinar e intercultural com as diferentes metodologias e disciplinas com o intuito de apreender-se tanto o contexto histórico e cultural da sociedade bororo, como o contexto histórico e cultural da “sociedade envolvente” (nacional e/ou sociedade regional). Essa dinâmica interdisciplinar e intercultural possibilitou destacar três dimensões significativas para compreensão das relações de “fronteiras” analisadas:

- O contexto histórico das relações entre indígenas e não-índios na sociedade brasileira, para compreender os diferentes sentidos e significados explícitos ou subjacentes a essas relações. De antemão pode-se afirmar que essas relações promoveram a extinção de alguns povos, a assimilação parcial de outros, mas também suas resistências e o desenvolvimento de novas estratégias para a manutenção de suas identidades em diferentes contextos;
- O processo de educação escolar indígena como uma estratégia civilizatória e assimilacionista, transformada em estratégia indígena voltada a uma educação intercultural que possibilite a interação com a sociedade nacional;
- As estratégias interculturais desenvolvidas pelos Bororo, mais

especificamente, para a manutenção de uma identidade étnica específica que assegure, aos membros do grupo, uma estabilidade moral e política, no confronto permanente com os diversos grupos étnicos (inclusive com a sociedade envolvente) com os quais estabelecem relações nas “fronteiras culturais”.

Com isso, buscou-se dar às práticas corporais uma compreensão histórica e cultural em relações de fronteira, tanto no que diz respeito às fronteiras interétnicas que os bororo de Meruri mantêm, quanto às fronteiras interculturais pelas quais os bororo de Meruri estabelecem formas de educação e instrução (Mauss, 1999).

A apresentação da tese que resultou desta pesquisa foi organizada em quatro capítulos. O primeiro apresenta o problema investigado com base nas opções metodológicas e teóricas que me auxiliaram a elucidá-lo. O segundo capítulo, o contexto histórico e os processos vivenciados nessas “fronteiras culturais”, que desencadearam relações de submissão, assimilação e promoveram a eliminação de diversas etnias de um lado e, de outro, a resistência cultural, a identidade étnica e a integração, em constantes lutas interétnicas por terra, cultura e direitos. O terceiro capítulo, de forma sucinta, apresenta o

contexto histórico e cultural do povo bororo, com o intuito de introduzir, a partir das diversas relações interétnicas estabelecidas por essa etnia, o contexto das relações que hoje se estabelecem na Aldeia de Meruri (Ochoa Camargo, 2001). O quarto capítulo apresenta os resultados da pesquisa, destacando o processo de “produção” da Festa. A primeira prática apresentada neste capítulo é o Ritual de Nominação Bororo, por ser esse constituído de sentidos e significados complexos que me permitiram ampliar a compreensão do processo de “educação do corpo”, de “fabricação da pessoa” (Mauss, 1974; Viveiros de Castro, 1987), de identificação do boe. Em seguida, apresenta a análise das relações ocorridas entre os diversos sujeitos que no cotidiano viabilizaram a apresentação das Danças, resultado de um processo intenso e dinâmico de relações interculturais e de constituição da identidade, em que a dança se transforma numa prática corporal importante; e, por fim, o Futebol, prática que me levou à pesquisa por apresentar-se, desde o início do Projeto Tucum,

como um problema complexo de relações interculturais em contextos de “fronteiras” – indígenas e não-índios.

Parafrazeando Mauss, posso dizer que essas manifestações da cultura corporal, como “fato social total”, expressam o contexto das relações sociais que as materializam e cujo “momento síntese” (como o percebo) é a sua apresentação pública e coletiva; isto é, o jogo, a dança e as cerimônias ritualísticas se constituem como momentos de festividades. Esses “momentos” agregam diferentes pessoas, não-índios convidados e envolvidos com a própria comunidade³, ou bororo de outras aldeias que participam direta ou indiretamente dessas práticas corporais e desempenham papéis sociais significativos para a cultura e estrutura Bororo, num processo de mediações interculturais.

O Ritual de Nominação, a Dança e o Futebol foram sendo identificados no convívio cotidiano com os bororo e os salesianos, em diferentes fases permeadas por “festas”, como a Festa Junina, a comemoração do “Sagrado Coração de Jesus”,

padroeiro da Missão e da Escola, a "Festa dos 25 Anos"⁴ e, por fim, os "Campeonatos de Futebol" que, de uma forma ou outra, também são festejados em Meruri.

No entanto, foi durante a Festa dos 25 Anos, realizada em julho de 2001, que a pesquisa atingiu as dimensões necessárias para a apreensão dos sentidos e significados do Ritual de Nominação, da Dança e do Futebol para os bororo de Meruri. Durante a organização dessa Festa, muitos foram os processos educativos desencadeados pelos bororo e pelos não-índios da Missão. As técnicas transmitidas no processo de construção da Festa, como as técnicas específicas para a confecção dos ornamentos utilizados no Ritual de Nominação e as danças do Jure e do Toro, proporcionaram a percepção das formas de educação manifestas no corpo boe. No contexto da Festa e das relações interculturais, foram evidenciadas as mediações interculturais elaboradas pelos bororo para revitalizar tanto a identidade individual e coletiva do grupo de Meruri e as relações com a

sociedade Bororo, como para revitalizar as relações com os missionários e a sociedade regional.

As pinturas corporais clânicas e os ornamentos utilizados no Ritual e nas Danças exemplificam como as práticas corporais marcam no corpo uma identidade específica e clânica, mas, mais do que isso, revitalizam as relações clânicas, as hierarquias e o poder. Essas práticas corporais, permitem, ainda, uma "fabricação do corpo" (Viveiros de Castro, 1987) no processo de educação e identidade da pessoa. O Ritual observado em Meruri transformou-se num rico processo de transmissão de técnicas e estéticas corporais que viabilizaram a coesão social do grupo na educação identificada no corpo.

As práticas corporais observadas no cotidiano da Aldeia, num processo de educação em que o corpo é evidenciado, favoreceram as relações dos próprios bororo entre si e entre eles e seus grupos de "fronteiras" – amigos, missionários, pesquisadores e professores, autoridades e instituições governamen-

tais, a educação escolar e a universidade, e as sociedades regionais, os moradores, fazendeiros e políticos dos municípios de General Carneiro e Barra do Garças (entre os quais se localiza o Território Indígena de Meruri).

Nessas relações de fronteiras, o futebol esteve sempre presente, sendo uma estratégia de mediação intercultural significativa para os bororo de Meruri; na Aldeia ou fora dela, essa manifestação da cultura corporal não-índia, apropriada pelos boe, assumia uma forma de mediação intercultural: estratégia de integração entre jovens e adultos que permite a transmissão de valores relevantes para os Bororo, estratégia de socialização entre os adultos, ou ainda estratégia de integração com a sociedade envolvente, em outros contextos de relações interétnicas fora de Meruri.

Da mesma maneira, as danças, apresentaram-se como importantes formas de integração com a sociedade regional e, em Meruri, uma estratégia intercultural importante para a integração dos jovens à sociedade Bororo. Nesse sentido, as práticas corporais observadas configuram-se como mediadoras interculturais num contexto histórico específico, que viabilizam, pela educação manifesta no corpo boe, a identidade individual e coletiva do grupo que as cria, recria, transmite e pratica.

As considerações finais, antes de explicitarem “referenciais para

a formação de professores indígenas”, conforme pretendia num primeiro momento esta pesquisa, apresentaram-se como uma tentativa de sistematizar os processos vivenciados ao longo do trabalho de investigação e de elaboração de algumas reflexões com as quais continuarei o processo de compreensão da realidade social mato-grossense. Cabe aqui salientar que essa realidade apresenta-se com características que lhes são próprias se situada num contexto social mais amplo, ou seja, o contexto brasileiro: trata-se de um Estado em que as relações entre indígenas e não-índios ainda são fortemente marcadas pela luta por territórios, por garantias de sobrevivência física, numa política de expansão de fronteiras agropecuárias (latifundiárias), assim como de “fronteiras culturais” entre as 38 etnias indígenas e as muitas outras formas de identidade étnica encontradas nesse espaço geográfico.

Com esta pesquisa, compreendi, nas práticas corporais compartilhadas entre fronteiras culturais, novos sentidos que possibilitam, nas relações corpóreas vivenciadas por sensibilidades diferentes, expressas nos jogos, nas danças e nas festas – formas ritualizadas – o fortalecimento de identidades coletivas pela criação de estratégias educativas capazes de assegurar de maneira mais consciente a luta pela inserção social de grupos minoritários em face de um processo globalizante e

homogeneizador que se desenrola atualmente.

Referências

- BARTH, Frederik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Texto original em inglês, da introdução da obra dirigida por F. Barth: *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference.* Bergen, Oslo: Universitetsforlaget, 1969).
- GRANDO, Beleni Salete. Cultura e Dança em Mato Grosso: catira, currussé, folia de reis, siriri, cururu, São Gonçalo, rasqueado e dança cabocla na Região de Cáceres. Cuiabá: Central de Texto, 2002.
- MAUSS, Marcel. Transmission de la cohesion sociale. Tradition Education. In: Oeuvres. vol. 3 : Cohesion sociale et divisions de la sociologia. Paris: Les Editions de Munuit, 1969. p. 328-346
- MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss; Volume II – tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974.
- MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia. 2. ed. Estudos 47. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. Tradução de Antônio Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2001.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: Edusp, 1993.
- OCHOA CAMARGO, Gonçalo (org.). MERURI na visão de um ancião Bororo: memórias de Frederico Coqueiro. Campo Grande: UCDB, 2001.
- TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Tradução de Mancy Campi de Castro. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974. (título original: *The ritual process*, 1969).
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, J.P. de (org.). Sociedades Indígenas & indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1987. (p.31-41).

Contatos: beleni@brturbo.com

Recebido em: julho/2004
Aprovado em: agosto/2004